



FORMAÇÃO HUMANA E EUGENIA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3675

Melline Ortega Faggion, UEM

Resumo

Pela lente da história podemos compreender a repercussão do ideário da eugenia no início do século XX e como estas ideias atravessaram o século. As discussões sobre melhoramento da “raça” foram cientificamente sistematizadas na Inglaterra nos anos finais do século XIX e amplamente propagadas, para além do território britânico, até meados do século XX. No Brasil a ideia de aperfeiçoamento da “raça” encontrou terreno fértil para sua difusão aliada ao projeto nacional desenvolvimentista da época, isto fez com que os princípios eugênicos permeassem diversos campos, tais como a educação, a saúde, a psicologia, a literatura, dentre tantas outras áreas, tornando-se assim, uma forma “comum” de se pensar na época. No que se refere ao homem, os intelectuais adeptos deste ideário acreditavam que todo indivíduo era produto de uma carga genética, assim, o processo de formação humana apresentava um caráter marcadamente biologicista e individualizante, de modo que os aspectos sociais teriam papel secundário neste processo. Esta compreensão de homem esteve baseada nos pressupostos científicos propagados naquela época, contudo, não coloca em cheque questões referentes à organização social capitalista, cujas características são imprescindíveis para compreendermos as especificidades do desenvolvimento humano. Além disso, esta compreensão contribui com concepções idealistas e naturalizantes do processo de formação humana. Tendo em vista tal questão, apresentaremos como os eugenistas compreendiam o desenvolvimento humano e com isto problematizaremos as implicações desta compreensão e a forma como ela se reproduz tanto no campo da produção de saberes científicos como no imaginário social.

Palavras Chave:

eugenia; formação humana; história.

À luz da história podemos observar de que maneira as asserções dos eugenistas¹ transcorreram o século, vindo a completar em 2017 o centenário da “entrada” da eugenia no Brasil. Ainda por meio da história é possível pensarmos nas transformações deste ideário ao longo do tempo e a forma como ele ainda reverbera em práticas da contemporaneidade, fato que não ocorre só no Brasil. Tendo em vista que a proposta para este simpósio é discutir sobre a temática da eugenia em diferentes campos, bem como as implicações sociais e científicas deste ideário, nos propomos através deste texto, fomentar um debate sobre a repercussão e a importância de compreender sobre estas ideias. Levando em conta os inúmeros temas discutidos pelos eugenistas e a inviabilidade de tecermos considerações acerca de todos eles, nos debruçaremos no campo da formação humana. Para isto, aludiremos como estes intelectuais compreendiam o desenvolvimento humano e em seguida apresentaremos nossas considerações a fim de problematizar as implicações desta compreensão.

Consideramos importante ressaltar que nossas proposições acerca do tema em debate estão baseadas em uma concepção materialista histórica. Esta perspectiva embasa a forma que compreendemos o homem e ao mesmo tempo subsidia nossas críticas às proposições dos intelectuais adeptos da eugenia. A luz dos pressupostos do materialismo histórico, localizamos historicamente a eugenia sem perder de vistas as condições materiais que possibilitaram o desenvolvimento e repercussão destas ideias ao longo do tempo. Deste modo nossas considerações sobre a eugenia não perdem de vista o contexto histórico e as relações sociais de

produção que a engendraram. Para compreender as discussões dos eugenistas brasileiros a respeito da formação humana, é necessário entender a origem deste ideário, e de que forma as condições econômicas do Brasil no início do século XX facilitariam sua adesão e progresso em diferentes campos.

Situado historicamente nos anos finais do século XIX e início do século XX a defesa pela melhoria da “raça”², o ideário da eugenia, tal como conhecemos, foi amplamente difundindo em diversos países do mundo, a começar pela Inglaterra, local que se denomina como “berço” da eugenia. Embora a Inglaterra seja reconhecida historicamente por concentrar os primeiros estudos científicos a fim de comprovar e sistematizar tal ideário, é importante destacar que a preocupação com a “raça” não é exclusiva deste período histórico, ao contrário, antecede este momento e remonta à Antiga Grécia. Na Antiguidade Clássica, personagens como Platão, Aristóteles, Licurgo dentre outros apontavam para a importância da sociedade ser composta por homens fortes e saudáveis, neste sentido, é possível dizer que a “origem” daquilo que viria a ser reconhecido como eugenia, na realidade data deste período. A designação da eugenia como um conjunto de ideias que visa o aperfeiçoamento físico psíquico e moral do homem ocorrerá por meio dos estudos do inglês Francis Galton (1822-1911) que cunharia o termo eugenia em 1883 e se dedicaria à sistematização científica destas ideias.

Eugenizar quer dizer selecionar a espécie humana, fazendo com que o planeta se povoe de gente sã, isto é, sã moral e somaticamente. Quando ela se expurgar dos indivíduos doentes, incapazes, criminosos e

¹ Os intelectuais que faziam a defesa dos princípios da eugenia são referenciados pela literatura como eugenistas.

² O termo raça é frequentemente utilizado pelos eugenistas e faz referência à ideia de superioridade

entre grupos sociais. Considerando as discussões e controvérsias a respeito da existência de raças humanas, optamos por utilizar o termo entre aspas no intuito de sinalizar que tal designação não é de nossa autoria.

amorais; (...) Eugenia é a ciência da boa geração. Ela não visa, como parecerá a muitos, unicamente proteger do cogumelar de –gentes feias. Seus objetivos não se restringem à kallipedia, isto é, ter filhos bonitos. A beleza é um ideal eugênico. Mas a ciência de Galton não tem horizontes limitados, ao contrário, os seus intuitos além de complexos são de maior elevação; (...) (KEHL, 1920. p. 10-11).

Os estudos de Galton foram propagados na Inglaterra, em países da Europa e em seguida em outros países do mundo. Vale lembrar que no final do século XIX a Inglaterra avançava a passos largos em seu processo industrial, este processo acarretou na intensa urbanização das cidades comprometendo as condições de vida da população, em especial da classe operária inglesa, cujas condições eram ainda mais precárias. Este fato, somado a outros aspectos, contribuiriam para o desenvolvimento das ideias eugênicas no país.

As condições sanitárias no Brasil no início do século XX também eram precárias, além disso, o país vivenciara as consequências sociais de processos como o fim da escravidão em 1888, a proclamação da República em 1889, o que acarretaria em intensas migrações para centros urbanos. No campo político a proclamação da República levaria a execução de um projeto com vistas a alcançar o desenvolvimento da Nação. É importante assinalar que o país não despontava no campo da industrialização, o projeto nacional desenvolvimentista mostrava-se iniciante. (Souza, 2006). Neste sentido, podemos dizer que a situação do país naquele momento facilitaria para que ideias de melhoramento da população fossem

incorporadas ao projeto e compromisso de levar o país ao progresso.

O brasileiro é oriundo de raças de boa tempera. Seria um tipo representativo da resistência, si não fossem os males que o perseguem: “são a ancilostomíase ou opilação, o impaludismo, a tripanossomíase americana, a leishmaniose, as verminoses, a lepra, as disenterias, a sífilis, a boubá, a tuberculose e ao lado de tudo isso uma anemia geral, parte devida a algumas dessas doenças, parte a um gênero de alimentação e de viver em desacordo com as necessidades do organismo e com o clima” (...) (KEHL, 1920. p.220-221).

Neste trabalho nos dedicamos às discussões sobre eugenia em nível nacional, porém é importante assinalar que a ideia de aperfeiçoar a “raça” foi incorporada por vários países do mundo e passou a ser entendida como um pensamento recorrente da época, muito articulado com a ideia de progresso nacional, permeando diversos campos, dentre eles o campo político. A saber, as ideias eugênicas subsidiaram projetos radicais tais como as esterilizações compulsórias em países como Suíça e Estados Unidos. Cabe assinalar também as práticas eugênicas vinculadas às políticas fascistas do Terceiro Reich na Alemanha.

No Brasil havia esforços para desenvolver atividades e estudos ligados à eugenia. Na cidade de São Paulo, houve a fundação em Janeiro de 1918 da Sociedade Eugênica de São Paulo, o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia ocorreu em 1929 e também foi realizado nesta mesma cidade. Exponentes de destaque como Renato Ferraz Kehl (1889-1974)³ se concentraram durante muito tempo em

³ Renato Ferraz Kehl nasceu na cidade de Limeira no Estado de São Paulo. Estudou farmácia e em seguida cursou medicina. Durante sua formação em medicina entrou em contato com os estudos de Galton e posteriormente se tornaria o principal

propagandista das ideias eugênicas no Brasil. (Carvalho, 2016). É importante destacar que foi Renato Kehl quem proferiu o primeiro discurso sobre eugenia na Conferência de Eugenia. O acontecimento data de 1917 na Associação Cristã de Moços em São Paulo.

São Paulo e no Rio de Janeiro, cidades onde se desenvolveram muitos estudos voltados ao melhoramento da “raça”.

Embora as discussões sobre eugenia tenham se concentrado no eixo Rio-São Paulo, há registros históricos sobre este ideário em outros estados, tal como no Paraná. As ideias eugênicas nesta região tiveram destaque por meio das ideias do curitibano Milton de Macedo Munhoz (1901-1977) médico que foi professor de Higiene da Faculdade de Medicina do Paraná e diretor da Revista Médica do Paraná no período de 1930 até 1941. Milton Munhoz fez defesa de medidas eugênicas radicais tais como a esterilização e o exame pré-nupcial. A análise dos trabalhos publicados nesta revista durante as primeiras décadas do século XX comprovam a simpatia do médico pela eugenia.

(...) o Paraná foi palco de discussões sobre raças inferiores e superiores, decadência e progresso, civilização e barbárie, sendo que tais debates repercutiram nas publicações médicas do estado até a década de 1940. A região foi alvo de um processo que buscou a melhoria dos seus habitantes e conseqüente progresso baseado sobretudo, no combate as doenças e aos maus hábitos da população. (...) Munhoz participou de forma marcante das discussões sobre a dupla “higiene-eugenia” dentro dos círculos médicos do estado. (JANZ JÚNIOR, 2013. 304.)

Conforme dito, a preocupação com o aperfeiçoamento da “raça” ganhou espaço em diversos campos e se converteu em uma preocupação recorrente da época, o que favoreceu na ampla incorporação deste ideário em diversas áreas. A busca pelo melhoramento da “raça” não deixou de lado questões referentes ao indivíduo e seu processo de formação. Os eugenistas consideravam importante a realização de estudos sobre o indivíduo, visto que a partir dele seria possível discutir de forma mais ampla, mas não menos consistente, a

respeito da necessidade e importância do melhoramento das proles futuras, dito de outra maneira, as investigações no nível do indivíduo dariam subsídio para uma compreensão geral sobre os homens. Com isto afirmam que,

(...) verificou, por observação e por meio de experiências, que as qualidades físicas, intelectuais e morais da espécie, têm um fundo hereditário indiscutível. Deste modo, quando se unirem duas pessoas sans de corpo e de espírito, sua descendência terá as maiores probabilidades possíveis de ser constituída por indivíduos também de corpo e alma sadios. (DOMINGUES, 1942. p.31)

Neste sentido, os estudos eugênicos procuravam se respaldar cientificamente. Para os intelectuais que se dedicavam ao melhoramento da raça, a eugenia deveria ser entendida como uma ciência. De acordo com Huertas (1929) a eugenia consistia em uma ciência e uma arte, suas aplicações sociais estariam no campo da arte e no campo científico a eugenia deveria ter métodos de estudos e de comprovação, isto é, ser uma ciência baseada no modelo positivista levando em consideração a experimentação biológica (realizada nos animais e nas plantas), a observação estatística (aplicada em seres humanos) a fim de obter a comprovação de tais proposições. Os eugenistas consideravam importante que os princípios da eugenia apresentassem bases científicas sólidas e passíveis de observação, por conta disso defendiam e acreditavam na possibilidade de padronização e adaptação dos indivíduos à sociedade. A perspectiva positivista de fazer ciência era um paradigma recorrente àquela época, por conta disto, o processo de formação humana para estes intelectuais poderia ser avaliado tendo em vista esta perspectiva de ciência.

Renato Kehl (1889-1974) se dedicou afincamente aos estudos sobre “regeneração social” tendo como base os princípios da eugenia. Para ele difundir a

importância da formação das características humanas facilitaria no cuidado e nas medidas de melhoria da “raça”, assim como conscientizaria a população sobre a necessidade e consequências de uma “reprodução saudável”. Neste sentido, a compreensão do homem passa pelo conceito caráter e de personalidade. O caráter estaria ligado às características hereditárias do sujeito, ao passo que a personalidade seria a manifestação fenotípica dos caracteres genéticos, podendo ser regulada pelas influências educacionais e do meio. (Kehl, 1957).

Jamais se poderá negar essa predestinação do caráter, decorrente da continuidade do plasma germinativo, responsável pela fórmula constitucional e, por conseguinte, pela individualidade genotípica, da qual posteriormente deriva a personalidade fenotípica ou manifestada de cada ser humano. [...] O caráter fundamental, com raízes na hereditariedade, desenvolve-se favorável ou desfavoravelmente de acordo com o proveito que cada um pode tirar dos recursos de que se dispõe, segundo as circunstâncias mesológicas e educativas. (Kehl, 1957. p. 38).

Para os eugenistas a individualidade humana é composta pelos atributos físicos e psíquicos de cada um, tais atributos por serem suscetíveis ao meio, revelam-se na personalidade.

A individualidade representa o conjunto de atributos que caracterizam, fisicamente, o ser humano, enquanto a personalidade corresponde ao conjunto de atributos que o caracterizam psicossocialmente e socialmente. Dentro deste critério, cabe a designação de indivíduo-personalidade ao homem total, símile de biótipo (...) com o sentido da soma das particularidades que identificam cada ser humano. (KEHL, 1957.p. 125).

Estes intelectuais, especialmente Renato Kehl, acreditavam que a personalidade não anula a individualidade, contudo exige que o sujeito se adapte a certas condições e renuncie ao “egocentrismo individualista”. Com base nisso, defendiam que todo sujeito é produto de sua carga genética e hereditária. Ainda que considerem a questão do meio social e das influências educacionais é importante entender que para os eugenistas as questões referentes ao meio e à educação apresentariam papel secundário no processo de formação humana. É necessário ter em conta esta premissa, pois ainda que os eugenistas tenham se atentado e versado sobre a influência dos aspectos externos no desenvolvimento do homem, o enfoque e embasamento deste processo estão prioritariamente concentrados no campo da hereditariedade. No que tange à educação, é importante lembrar que os eugenistas direcionam suas discussões acerca da importância da educação sexual, vista como ferramenta de higiene na mesma medida em que auxiliaria na preservação moral da sociedade e na conscientização da reprodução “sã”. Os princípios da eugenia poderiam ser transmitidos pela educação, em especial pela educação sexual. Assim, a prática educacional era vista como uma medida que compunha as atividades voltadas às campanhas eugênicas e cujo resultado estava ligado à “educabilidade” do comportamento dos homens.

Os eugenistas reconheciam o importante papel da educação, tanto a educação familiar como em ambiente escolar, porém sem perder de vista o caráter secundário dessas medidas no que tange à formação humana. “Todo o indivíduo, como tenho dito, é produto de dois fatores: hereditariedade e educação; a primeira garante a personalidade específica e a segunda a personalidade adquirida.” (Kehl, 1927. p.130-131). Assim, os princípios da eugenia estariam voltados à ótica biológica, em primeira ordem.

(...) sua influência deve fazer-se sobre a biologia da geração, sobre as heranças, sobre as virtualidades inatas. E sobre estas, nem a educação nem a ginástica, nem as religiões têm força para transmutá-las. Apenas poderão modificá-las, orientando-as segundo essas próprias inclinações. O melhoramento que visa a Eugenia, portanto, é o melhoramento “genético” é o melhoramento das virtualidades inatas, hereditárias (...) (DOMINGUES, 1942. p.37).

O processo de formação humana para os eugenistas tem delineamento claro, se pauta na lógica hereditária. Isto nos leva a refletir sobre as implicações desta explicação. A primeira vista deve nos saltar aos olhos a concepção individualizante que perpassa as preposições destes intelectuais. Se buscarmos o que está por trás deste tipo de pensamento, chegaremos, possivelmente, nas problemáticas que ele engendra. Uma delas é como esta perspectiva de sujeito deixa de lado o papel fundamental das relações sociais presentes neste processo. Ainda que os eugenistas considerem e assinalem a educação e as relações sociais, o cunho desses aspectos é meramente participativo, subsidiário, quando na verdade, deveria ser elementar e simultâneo.

(...) o indivíduo é um ser social-consciente, que transcende o estreito limite de sua constituição natural, biológica, pois ele não possui uma natureza inata, fixa, imutável, que se encontra completamente pronta em sua estrutura genética, orgânica, dada imediatamente, mas que se autocria, se autoforma, através de seu trabalho. A atividade vital, produtiva, o trabalho, rompe com os limites naturais, pois pressupõe não uma generidade natural, muda, interior, mas uma generidade social; não o indivíduo isolado, mas a interatividade social entre os indivíduos, e, no trabalho, o

indivíduo evidencia sua essência genérica, que o diferencia do animal. (CHAGAS, 2012. p. 4).

Em suas teses sobre Feurbach, Karl Marx (1818-1883) tece críticas à essência humana dissolvida na religião. Ainda que o autor em questão esteja direcionando sua crítica à religião, faz apontamentos relevantes que contribuem para a compreensão da essência humana. Com isto afirma que (...) a essência humana não é uma abstração intrínseca ao indivíduo isolado. Em sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais. (MARX, 2007. p.534).

Baseado nos pressupostos marxianos para tratar sobre a relação entre indivíduo e sociedade e seu caráter intrínseco, Chagas (2012) afirma:

(...) tanto as relações sociais são relações entre indivíduos humanos, quanto a própria sociedade é produto dos indivíduos humanos. Há, portanto, uma ação recíproca entre a sociedade e o indivíduo, entre o todo e a parte, ou seja, há uma conexão necessária entre indivíduo e sociedade, a saber: o indivíduo está vinculado às relações sociais, à sociedade, que o produz, mas, ao mesmo, ele também a produz. O indivíduo não é só produto da sociedade (das relações sociais), mas é produto e produtor da mesma. Marx não vê, portanto, o indivíduo como indivíduo em geral, fora da sociedade, mas no seu elo com o social, dentro das relações sociais, como uma determinação social. (p. 7).

O caráter intrínseco da relação entre indivíduo e sociedade não está presente nas discussões dos eugenistas, portanto para compreender o homem é necessário colocá-lo no centro das discussões, isto quer dizer, entender as características humanas tendo como ponto de partida o próprio homem, tornando-o responsável pela sua forma de ser. Assim, entendem que a sociedade é composta por uma soma de sujeitos que

em primeira instância devem ser reconhecidos e compreendidos em nível individual, o que descaracteriza o papel fundamental dos aspectos referentes ao gênero humano, historicamente adquiridos. A lógica do pensamento eugenista está ancorada em uma perspectiva liberal de compreensão do sujeito, isto é,

“o indivíduo é o homem na sua singularidade, singularidade essa que, na sociedade capitalista, aparece como “átomo”, como “unidade monádica”, fechado em si mesmo, solitário, como um mundo a parte, que se basta a si mesmo, independente, isto é, como singularidade negativa, isolada” (CHAGAS, 2012. p.1).

Nesse sentido, perde-se de vista que o homem, ainda que carregue consigo traços físicos, psíquicos e qualidades que sem dúvida o diferem dos demais, trazem em sua essência, traços daquilo que concerne ao gênero humano, ou seja, características humanas de caráter histórico e efêmero. A efemeridade da essência humana se contrapõe à concepção biologicista e naturalizante do homem, apregoada pelos eugenistas.

Dizendo que as relações sociais atuais- as relações da produção burguesa- são naturais, os economistas dão a entender que é nessas relações que a riqueza se cria e as forças produtivas se desenvolvem segundo as leis da natureza. Portanto, essas relações são, elas mesmas, leis naturais independentes da influência do tempo. São leis eternas que devem, sempre, reger a sociedade. (MARX, 2009.p.137).

Não podemos afirmar que a ideia de “eternidade” das leis que regulam a sociedade capitalista é explícita e defendida nas discussões feita pelos eugenistas, porém a compreensão naturalizante de homem discutida por estes intelectuais acaba sendo interceptada pela lógica de que a organização da

sociedade tem um caráter “eterno e natural”. O que podemos constatar ao investigar o processo de formação humana é que as análises partem de uma perspectiva individualizante, não tocam na forma de organização social capitalista e o modo como ela se mantém e se reproduz a partir da exploração do homem sobre o homem, centrada no antagonismo entre duas classes.

Nossas considerações acerca das discussões eugênicas sobre o tema exposto ao longo do texto não negam a importância dos aspectos hereditários, mas sinalizam a inter-relação entre os aspectos sociais e biológicos. Os questionamentos aqui levantados tampouco se voltam a uma análise moral das concepções eugênicas. Para entender a manifestação destas ideias devemos compreender de que maneira as condições objetivas favoreceram seu desenvolvimento, assim evitamos dizer que as ideias eugênicas podem ser explicadas por si mesmas, descoladas do momento histórico que as favoreceram. A busca pela padronização e necessidade de comprovação dos fatos a partir de uma lógica positivista intitulada que leva a construção de uma “verdade científica” gera controvérsias no que tange à compreensão dos seres humanos e às múltiplas determinações que perpassam nossa formação. Deste modo, tal lógica não garante, necessariamente, a construção de um “verdadeiro” conhecimento sobre o homem. Contudo, o discurso científico que permeia muitos campos de investigação, incluindo o modo de compreender e investigar o homem e seu desenvolvimento é permeado até os dias de hoje por uma lógica positivista e biologicista, basta ver como é atual o debate sobre hereditariedade e sua influência no processo de desenvolvimento humano de maneira que o discurso biológico ainda se sobrepõe às influências históricas e sociais.

O texto apresentado teve como objetivo central demonstrar um dos temas

que pertenciam ao campo de discussões e preocupações daqueles que se dedicaram a melhoria da população brasileira nas primeiras décadas do século XX. Ao abordarmos sobre esta questão procuramos fomentar, ainda que brevemente, a forma como essa forma de compreender o homem ainda se faz presente em questões contemporâneas, tal fato assinala a importância de compreendermos sobre o ideário da eugenia. Neste sentido, a lente da história nos auxilia na compreensão de um determinado fenômeno em um dado momento e ao mesmo tempo contribui para reflexões e críticas que extrapolam a ideia do fato histórico como algo exclusivamente pertencente ao passado, para uma possibilidade de compreensão do presente.

Referências

- CARVALHO, Leonardo Dallacqua. Fundo Renato Kehl: A trajetória intelectual do eugenista brasileiro. In: Azevedo, M. S. (org). **Anais do 8º Encontro do CEDAP: Acervos de intelectuais: desafios e perspectivas**. Assis: Unesp, 2016.
- CHAGAS, Eduardo. O indivíduo na teoria de Marx. **Revista Dialectus**. v.1, n.1, p.01-16, 2012.
- DOMINGUES, Octávio. **Eugenia: seus propósitos, suas bases, seus meios (Em cinco lições)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- HUERTAS, Luis. Os fundamentos científicos da eugenia. **Boletim da Eugenia**. v.8, ano I, 1929.
- JANZ JUNIOR, Dones Cláudio. Eugenia em Terras Paranaenses: o médico Milton de Maceo Munhoz (1920-1940). In: MOTA, A.; MARINHO, G. S. M. **Eugenia e História: ciência, educação e regionalidades**. Casa de Soluções: São Paulo. (2013).
- KEHL, Renato. **Tipos Vulgares (contribuição à Psicologia prática)**. (2ªed). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1927.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. **Miséria da filosofia. Resposta à filosofia da miséria do Sr. Proudhon**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- SOUZA, Vanderlei, Sebastião. de. **A Política Biológica como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)**. Dissertação (Mestrado História das Ciências da Saúde). FIOCRUZ, 2006.